



CRISTALIZAÇÃO E DESLOCAMENTO DE SENTIDOS: A FORMAÇÃO IMAGINÁRIA NA FOLHA DE S. PAULO ACERCA DA CORRUPÇÃO NO PT

Douglas Zampar¹

Corrupção: uma temática recorrente quando se pensa a questão da política brasileira, constituindo-se a partir de uma diversidade de acontecimentos discursivos que organizam enunciados, os quais são observados neste trabalho na interface mídia e política. Parto de uma especificidade, o momento das eleições presidenciais, e elejo para construção do corpus um dos diversos componentes da mídia nacional, o jornal *Folha de S. Paulo*. A partir disso, tenho como objetivo verificar a cristalização e os deslizamentos de sentido que funcionam a partir do (e produzindo o) imaginário acerca da corrupção no PT em eleições presidenciais na Folha de S. Paulo.

Este trabalho, que pensa o político na constituição da política, apresenta os resultados mais relevantes de minha dissertação de mestrado intitulada “Mídia e Eleições Presidenciais de 1994 a 2010: o Funcionamento do Imaginário na Folha de S. Paulo acerca da Corrupção no PT” (ZAMPAR, 2014). Meu recorte de trabalho permite observar esse funcionamento na forma como o jornal em tela discursiviza as eleições presidenciais no período entre 1994 e 2010.

Para a construção do dispositivo teórico-metodológico, recorri especialmente aos trabalhos de Michel Pêcheux (1988, 2007, 2008 e 2011), os quais são lidos em sua espessura histórica, buscando compreender a concepção e o desenvolvimento de conceitos chave para minha pesquisa. O conceito a partir do qual organizo a reflexão é o de formação imaginária, e para seu estudo proponho uma reflexão teórico-metodológica que pensa a memória discursiva como um funcionamento que se sustenta na tensão entre a paráfrase e a polissemia que opera a partir de uma rede de sentidos. Defendo que, diante de um enunciado dado, o sujeito interpreta na forma da remissão desse enunciado a outros que o constituem, funcionamento denominado memória discursiva, que opera pela inserção do enunciado em uma rede de sentidos constituída por diversos enunciados produzidos em condições de produção específicas e ligados pelo efeito metafórico que se estabelece a partir do deslizamento de sentidos.

Uma das formas de se estudar a constituição das Formações Imaginárias é através da memória discursiva, a qual entendo, na esteira de Michel Pêcheux, como retomada de enunciados que compõem redes de sentido. A partir de um enunciado que se queira analisar, é possível operar a retomada de outros aos quais o enunciado em foco se refira, e com os quais constitua, pelo funcionamento do efeito metafórico, redes de sentido. Dessa forma, é possível buscar a compreensão das condições de produção que cercam cada um dos enunciados com os quais se trabalha, suas interpretações possíveis, e, dessa forma, os enunciados podem ser tomados em sua opacidade, ou

¹ Mestre em Letras (PLE/UEM), professor do CEI – Centro Educacional Integrado.



seja, pela relação que estabelecem com seu contexto de produção e com a história que se faz presente nas redes de sentido.

A corrupção no PT foi eleita como recorte temático de minha pesquisa por conta da relevância e recorrência dessa temática nas últimas eleições presidenciais. Entretanto, para compreender discursivamente o funcionamento do imaginário acerca da corrupção no PT, não posso me restringir a um conjunto de textos ingenuamente construídos em torno dessa temática. Precisei, antes, buscar discursivamente as redes de sentido a partir das quais enunciados sobre o PT significam. Para tanto, meu gesto de leitura se iniciou por uma investigação do imaginário acerca da corrupção, sendo que minha atenção foi centrada nos textos que abordam a corrupção como um traço da política nacional, avançando para os textos que significam a corrupção no PT e o PSDB.

As temáticas abordadas foram estudadas sempre em, pelo menos, três processos eleitorais distintos. Dessa forma, observo a constituição histórica dos sentidos sobre corrupção e PT ao longo de coberturas de diferentes eleições presidenciais pela *Folha de S.Paulo*, discutindo os modos como a memória discursiva constitui o imaginário político no jornal. O gesto de leitura tomou os enunciados em sua espessura histórica, ou seja, ao retomarmos as condições de produção das sequências discursivas analisadas, discuto como a produção de efeitos de sentido se torna possível pela inserção dessas sequências em redes constituídas por outras sequências cujas condições de produção também analiso.

Ainda que não seja possível exaurir quantitativamente os enunciados que compõem uma rede de sentido, também não se faz necessária tal exaustão, uma vez que em AD se descrevem funcionamentos que explicam a forma como os sentidos são produzidos, sem negar a existência de outros funcionamentos em jogo, e operando gestos qualitativos, que permitem a explicitação dos funcionamentos a partir de um conjunto de enunciados.

A análise das eleições 1994 e 1998 demonstrou que o imaginário acerca da corrupção em funcionamento na *Folha de S.Paulo* nessas eleições centra-se nas questões de manutenção de poder, na política praticada em benefício próprio e não em prol daqueles cujos votos foram responsáveis pelo alçamento do político ao cargo que ocupa. Além disso, a corrupção é tomada como desrespeito às leis, ou seja, é significada enquanto delito, desvio de conduta, falta de apreço pela lei, sendo que a obediência ou não às leis é também submetida à lógica do benefício próprio, ou seja, funciona acerca dos sujeitos políticos uma imagem de que a lei será respeitada apenas quando lhes for favorável. Dessa forma, a imagem da corrupção como característica intrínseca da política nacional se constitui em um traço dessas eleições. Esse traço do imaginário acerca da corrupção na política instaura redes de sentido que permitem o surgimento de enunciados em que a prática de atos corruptos é justificada no fato de que tais atos são comuns na política, de forma a apagar o sentido de desvio e cristalizar o sentido de normalidade para as práticas corruptas.

Uma forma particular de significar a corrupção nas eleições 1994 e 1998 foi a questão do uso da máquina pública. O próprio termo usar denota a subversão do trabalho do político que, ao invés de fazer uso do poder que lhe foi conferido em prol da população que lhe conferiu aquele poder, o faz



em benefício próprio, para garantir a manutenção do poder ou para que esse seja transferido a membros de seu partido. Notei, nessas duas eleições, que a questão do uso da máquina pública já se constitui em um traço da corrupção no PT, uma vez que, apesar de Lula não ser candidato à reeleição em nenhum dos pleitos, seu papel no PT é retomado de forma que a imagem de Lula é atravessada pela questão da corrupção na forma do uso da máquina pública, sendo essa máquina pública significada na forma de cidades e estados governados por políticos petistas. Destaco, por fim, que nessas duas eleições, o uso da máquina pública também funciona como traço do imaginário acerca da corrupção no PSDB, entretanto, são duas eleições em que a participação da mídia foi reduzida. Dessa forma, na interface mídia e política, funciona um efeito de apagamento dos sentidos acerca da corrupção no PSDB, ao mesmo tempo em que o uso da máquina pública se constitui como um primeiro traço do imaginário acerca da corrupção no PT.

Nas eleições de 2002, percebi a manutenção de um imaginário acerca da corrupção na política significada como uma prática que atinge a política nacional como um todo. Dessa forma, notei a constituição de uma rede de sentidos que atravessa três eleições presidenciais. Considerando os enunciados como constituídos por pontos de deriva, descrevi a constituição de uma rede entre termos como “normalidade”, “tantos políticos” e “tudo menos anjo”, de forma tal que um efeito de sentido da corrupção como característica nacional se instaura enquanto memória, atravessando a interpretação de diversos outros enunciados. Além disso, percebi também um deslocamento na forma como a corrupção é significada nessas eleições. A questão da ilegalidade, característica das eleições 1994 e 1998, é apagada, enquanto a corrupção passa a ser observada do ponto de vista da moralidade. Os efeitos de sentido produzidos por termos como “deve” e “anjo” constroem uma imagem da corrupção como desrespeito à moralidade, às normas de conduta que regem a sociedade.

Quanto à corrupção no PT, tomei as eleições 2002 como um momento transitório. Os sentidos acerca da corrupção no PT, de um lado, funcionam pela manutenção de um imaginário estabelecido nas eleições anteriores. Destaco, entretanto, que o deslocamento apontado no estudo da corrupção na política funciona também no imaginário da corrupção no PT. A imagem acerca do PT nessas eleições funciona a partir do questionamento acerca da forma como o partido conduzirá a política quando chegar ao poder, se submeterá ou não sua prática às propostas que sustentaram a fundação do partido, o que se materializa em termos como “duas caras”. Além disso, percebi no pleito de 2002 um imaginário que organiza sentidos em torno de Lula e FHC atrelados ao caciquismo. O contraponto entre os dois sujeitos políticos mostra como as redes de sentido se organizam nessas eleições de forma tal que se constitui para FHC um imaginário ligado à moralidade, e para Lula, um imaginário ligado à imoralidade e, pelo deslize, à corrupção.

A questão da corrupção como traço da política nacional se faz presente também nas eleições 2006 e 2010. Ao retomar as análises feitas até aqui, percebo que termos como “desvio congênito”, e “aqui e ali” constituem, pela metáfora, uma rede de sentido na qual funciona o imaginário da política enquanto corrupta de forma generaliza. Esse imaginário está materializado não só na rede de sentido constituída por deslizes diversos entre enunciados, mas também em funcionamentos em que percebo



a Formação Imaginária da política enquanto corrupta de forma generalizada funcionando na escolha do enunciado que vira notícia. Como nas eleições 2002, a corrupção é vista como um desvio de conduta, sendo que ao lado dos sentidos sobre a moral, articulam-se efeitos de sentidos acerca da ética. Os discursos que se cruzam com a corrupção nessas eleições advêm tanto do campo legal quanto, e principalmente, do campo da moral e da ética. A corrupção é significada como uma prática que atinge todos os setores da sociedade. As normas de conduta estabelecidas para a política são as mesmas estabelecidas para a sociedade como um todo: o respeito ao coletivo e a valores tradicionais acerca de família, educação, comportamento entre outros. Dessa forma, a corrupção se constitui como a faceta política de um fenômeno que atinge a sociedade como um todo, e a prática corrupta como um desrespeito não apenas às normas de conduta da política, mas da sociedade como um todo.

Ao voltar meu olhar para o imaginário do PT nas eleições 2006 é preciso retomar brevemente um escândalo que atingiu o partido um ano antes das eleições, o escândalo do mensalão, em que pagamentos mensais eram destinados a aliados e membros do partido que, dessa forma, seguiam as orientações do partido em sua prática política. Esse escândalo marca o primeiro mandato do PT na presidência, sendo que a partir das eleições 2006, os questionamentos acerca de como seria a prática do PT no poder são substituídos pela avaliação de como o partido se saiu em seu mandato. Dessa forma, de partido de oposição que lança críticas à forma que os demais partidos agem politicamente, o PT passa a ser alvo das críticas da oposição.

Essa nova conjuntura organiza os sentidos acerca do PT e acerca da corrupção em torno da questão dos escândalos políticos, constituindo um deslizamento quando comparo o imaginário acerca da corrupção no PT em 2006 e 2010 com as demais eleições. O escândalo do mensalão não é nominalmente retomando na cobertura das eleições pela *Folha de S.Paulo*, entretanto, este funciona enquanto memória. A questão da reincidência do PT em casos de corrupção produz sentidos que constroem uma imagem de partido corrupto, a partir da construção de uma memória que se sustenta na significação das denúncias como sendo verdadeiras, ou seja, as denúncias são sustentadas por uma memória que significa o partido como provável culpado nos casos em que é acusado. A questão da corrupção como ato imoral e antiético também atravessa o imaginário do PT. A escolha do tema corrupção como tema de diversos textos publicados nessas eleições também tem respaldo nesse traço do imaginário do partido.

Além disso, retomo um funcionamento discursivo que significa a corrupção no PT como causa de sua ida ao segundo turno nas duas eleições. Dessa forma, quando o resultado das pesquisas de opinião e do primeiro turno é retomado discursivamente a partir do imaginário acerca da corrupção, torna-se possível uma interpretação que apaga os sentidos de vitória que poderiam advir do fato de que os candidatos petistas estão em primeiro lugar, e se produz um sentido de derrota causada pela corrupção, dessa forma, percebo que a corrupção não é apenas significada como um traço constitutivo do PT, mas como um traço que afeta, na prática, os resultados eleitorais do partido.



Destaco, assim, que ao lado de uma retomada dos sentidos acerca da corrupção como um todo, que atravessam as cinco eleições estudadas mantendo uma característica fundamental de remissão ao campo da ética e da moral, percebo, a partir de 2006, um deslocamento na forma como a corrupção é significada enquanto traço constitutivo do PT. Ainda que em 2002 seja possível elencar elementos que constituem a imagem do PT enquanto um partido corrupto, esses sentidos estão colados ao funcionamento do imaginário acerca da corrupção na política nacional, os quais, como disse, resvalam em um imaginário acerca do brasileiro como constitutivamente corrupto. A partir de 2006, entretanto, a questão do escândalo político se torna protagonista no funcionamento do discurso político eleitoral em sua faceta midiática. O escândalo do dossiê em 2006, e os escândalos Erenice Guerra e quebra de sigilo em 2010 organizaram em torno de si os escândalos acerca de corrupção produzindo para o PT o imaginário de um partido corrupto, ainda que seja um partido corrupto em meio a outros que também o são.

REFERÊNCIAS

- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi e outros. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In.: ACHARD, Pierre. *Papel da Memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes Editores, 2007. p.49-57.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. Leitura e Memória: Projeto de Pesquisa. In.: Eni P. Orlandi (Org). *Análise do Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011. p.141-15
- ZAMPAR, Douglas. *Mídia e eleições presidenciais de 1994 a 2010: o funcionamento do imaginário na Folha de S. Paulo acerca da corrupção no PT*. 2014. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/def_douglas_zampar.htm>. Acesso em: 10 out. 2017.